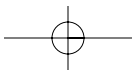
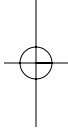
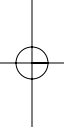


Sarabanda

um caderno de estudos





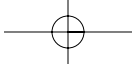
Rua Aimberê, 597 - cj. 04 -
05018-010 - São Paulo - SP
vanderleymeister@gmail.com

Impresso no Brasil em Junho de 2007

SARABANDA
© Ana Rüsche, 2007

ISBN 8590393xx

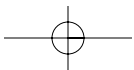
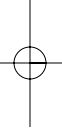
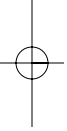
Editor: Vanderley Mendonça
Revisão: Victor Del Franco

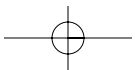
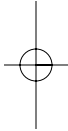
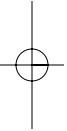
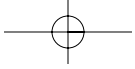


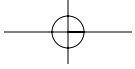
Sarabanda

Um caderno de estudos

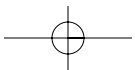
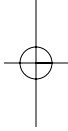
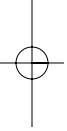
ana rüsche

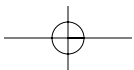
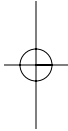
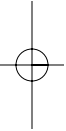
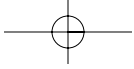






ao del e ao vicente
ao fábio e ao paulo
rios de minha aldeia





São Paulo, 2 de fevereiro de 2007.

Aninha, meu bem, antes de mais nada, hoje pela manhã acordei com seus poemas na cabeça. As principais imagens insistiram em me acordar. Falo delas depois. Agora, queria só fazer um comentário, quase infantil, que tem a ver com o título: *Sarabanda*, salvo você, o Houaiss, o Aurélio e o Bergman ninguém mais deve conhecer o termo. Enfim, à medida que eu revia as imagens, uma musiquinha não me saía da mente, como uma trilha sonora: *Samba, crioula, que veio da Bahia, pega a criança e joga na bacia, a bacia é de ouro areada com sabão e depois de areada enxugada com roupão, o roupão é de seda camisinha de filó, sapatinho bordadinho para quem virar vovó*. Sei que você deve estar pensando, “o Paulo não bate bem da bola”. Bato sim, e explico: primeiro, o nome do seu livro, a despeito de ser uma dança renascentista, tem a palavra *samba* nele escondida, camuflada, fingindo ser o que não é. Mais um detalhe, o Houaiss diz que a sarabanda tinha um andamento “vivo e de caráter lascivo”. Ora, nada mais samba que isso: vivo e lascivo. Sua poesia é assim, viva e lasciva. Sua poesia dá samba (só quem já te viu dançar sabe que não é uma aproximação absurda essa, por sinal, acabo de me lembrar outra musiquinha: *Samba Lelê tá doente, tá com a cabeça quebrada, samba Lelê precisava é de uma boa lambada*. Infantil? Sim, sim, fazemos de conta que sim).

Outro dia, falava com um amigo que certa poesia feita hoje em dia está bonita demais, mas de uma boniteza que enjoa, como se estivéssemos diante de um tanto de ovos de Fabergé. Claro que são bonitas, quem sou eu pra dizer o contrário? Mas falta-lhes um pouco de imperfeição, um pouco de acaso, um pouco de acidente. Sua poesia pode ser tachada de qualquer coisa, menos de ser artesanato (“meninas” fazem bordado, tricô, patchworking com palavras...). Não estou fazendo nenhum elogio ao confessional, ao espontâneo, à preguiça, de modo algum, apenas acredito que somos imperfeitos demais para buscar tanto equilíbrio e tanta harmonia; mestiços demais para procurar tanta pureza; contraditórios demais para procurar tanta certeza; provisórios demais para buscar tanta permanência. Para mim, a sua poesia opera num registro bastante complexo que, sem abrir mão do que pode parecer ingênuo ou inacabado, transpira, sangra, macera, mastiga, cospe e se bate na busca do que chamamos beleza, jamais a beleza fácil da perícia ou da erudição (e olha que tem gente que jura de pés juntos que essa é a beleza difícil), talvez por isso esse subtítulo: *um caderno de estudos*, como fez Oswald (*Primeiro caderno de poesia do aluno Oswald de Andrade*), Cacaso (*Grupo escolar*) e a Hilda (*O caderno rosa de Lori Lamby*). Caderno, estudos, escola, tudo isso nos remete a um momento que ousaria chamar de tempo de inocência, de constituição do que somos, quando havia mais dúvidas que certezas. Prefiro as dúvidas. Entre seus poemas, um me parece quase arquetípico (até porque

nos inocula a dúvida), como se dele se desprendessem todos os demais: “inacabado sobre brennand”, mas especificamente o último dístico: *as meninas de Franciscol nunca foram donzelas*. Eu posso estar errado (um dos méritos do seu livro, é jogar o tempo todo com o leitor, fazendo com que ele acredite em você, fazendo com que ele suponha ter o controle da situação. É um convite a equívocos, dado a imprecisão do discurso, de um subjetivismo vacilante que titubeia, ora em primeira pessoa, ora em terceira, mas no fundo uma só que se vê de fora, que vê as suas máscaras - nada dessa objetividade, dessa discrição e sobriedade dos meninos que fazem MBA e escrevem manuais do bem-viver, ah, a doce e inebriante alegria do sucesso e das realizações que os fazem ser competentes. Não me surpreenderia se tudo o que eu te disser voltar-se contra mim, e for um grande equívoco, seja como for, será o meu equívoco, literatura não é exata; a crítica, muito menos), mas elas estão presente aqui e ali, ora *no topo da bicicleta ergométrica*, ora *suja a brincar nos sargaços*, ou aparecem nos detalhes (ah, o diabo está!) das *coxas de banho tomado* e da *calcinha frouxa de algodão/ com elástico vencido*. E mesmo quando não aparecem textualmente deixam rastros de sua passagem nas *vitruines de todos os dias*, pois desestabilizam nossa confortável apatia, tome-se aquela mãe de “Revenant”, o irmão pedindo ao menino Jesus que lhe tire uma costela, o Unabomber, herói de sua infância, a menina com um buraco-negro a tira-colo que deve estar lá fora agora (entre nos dois há a

Paulista, se você a viu aqui, eu já devo ter topado com ela também). O mundo é meio podre mesmo.

Gosto particularmente do jeito “mulherzinha” como você escreve, essas *meninas* são isso, como uma Chapeuzinho Vermelho que escolhe atravessar o bosque justamente para atizar o lobo, para matar o lobo. Ingenuidade, o cazzo! É pura maldade, é pura provocação, é puro jogo com o discurso poético: *pequena morte úmida, sorrisos cegos, olhos de abismos, flores nunca foram para mim*. Sim, há clichês aos montes nos seus poemas, lugares-comuns como você mesma assume e com isso anula os senões, mas é neles que você prepara a sua armadilha (e às vezes você mesma cai nela, afinal, desafiar os lugares-comuns é tarefa ingrata, como pôr a cabeça na boca do leão), pois ao mesmo tempo em que há cenas de candura construídas sobre um suporte lírico, segue-se praticamente um esartejamento do corpo feminino (*onde todas as coisas são/ partidas*), você nos oferece pernas, peitos, bocas, cus e bocetas. *Navalha no meio das pernas*. Cuidado rapazes! Mas quem sabe nos reste essa linda homenagem *no banheiro/ rangendo o silêncio entre ladrilhos*.

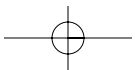
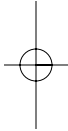
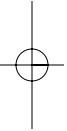
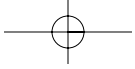
Como você é falsa, como você é verdadeira, como você é fácil, como você é difícil. Há algo de travesti nisso tudo (ainda que você diga ser putinha), daqueles que se fantasiam de Lisa Minelli ou Cher, mas você finge ser a Virna, depois o Heitor, até os meus cacoetes você imita, mas não como paródia, nem como paráfrase, nem como pastiche, e sim como uma forma de elogio, de aproximação, de antropofagia.

Por sinal, não há como não ler seus poemas sem ler o diálogo que você faz questão de deixar claro. Não são meras epígrafes os trechos de poemas que você utiliza, são pistas dos seus companheiros de poesia, de suas trocas, de seus estudos de dicções e temas. Claro que há outras referências ocultas, mas aquelas são explícitas, implicam uma leitura conjunta, implica identificar a geração à qual você se identifica, não só se aproximando daqueles textos, mas trazendo-os para o seu, confundindo-os. Isso é quase sexual, sabia? E todo mundo samba junto.

Aninha, creio que já escrevi demais, preciso voltar pro trabalho, tenho um milhão de coisas a fazer e quase nada de tempo, mas não se sinta culpada por eu ter passado essa manhã com seus poemas na cabeça, ao contrário, a leitura da poesia é quase um ato de recusa, de revolta, de rebeldia, nesse momento não produzimos nada que valha, nada que tenha valor de mercado, somos menos eficientes, menos úteis, mas ganhamos força para suportar essa automação em que vivemos, *consumindo qualquer coisa que brilhe um pouco*. Você deu a dica: vamos chafurdar o mundo banal do qual fazemos parte, ao qual ajudamos a ser como é (ou podemos nos esforçar pra mudar tudo isso).

Beijos e boa sorte com seu livro, continue dançando, continue estudando.

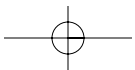
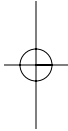
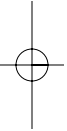
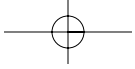
Paulo Ferraz



I. O POEMA ESCURO

Homens do buraco branco são os cidadãos da legalidade metafísica, os habitantes da representação e da palavra anticorpo. O segredo desses homens consiste em que vestiram o uniforme da identidade mundana e acabaram por se confundir com ele. Esse uniforme, enquanto camisinha gigante, blinda o corpo contra a visita apofática do buraco negro e contra a visita epifânica da criança na corredeira, criança em estado de milagre. O homem uniformizado é um assustado, pois o abrigo na forma da determinação identitária está sempre ameaçado pela latência dos chacais. Como ensiná-los a amar os chacais que estão à espreita?

Juliano Pessanha



1. O POEMA BRANCO

e ela montada
no topo da bicicleta ergométrica
uma caixinha de música
laqueada como gelo
a rodar, a esperar
a agulha hipodérmica de endorfina
para capar seu coração.

um romance raso.
eu queria ser um esquimó
mas entre uma faísca e outra,
o frio da estroboscópica,
a solidão me dá picadas
uma cocaína negra com mel
que me anima.

minhas mortes são semanais.
em lençóis alugados por pernoite
no degelo de teus cabelos negros
de latin lover

e como você faz a tantas donzelas
teus dedos apalpm
minha pequena morte úmida
e lhe aplicam um
grito seco na canção de rádio pela tarde
olhos pretos cheios de branco

mas agora é escuro
pela pia de mármore duro

ela derrama a borra de café
que se transforma em terra
e embala os natimortos de nossos sonhos

um romance raso.
e ela entediada roía unhas
na internet os esquimós
seus pés assustadoramente descalços.

2. MESCALINA

VAZIA. Que autoridade é essa
de uma mulher no outdoor para
comer minhas cicatrizes,
meus silêncios e saudades,

Paulo Ferraz em *De Novo Nada*

para o Paulo

estou aqui, no lugar
onde todas as coisas são
partidas

mas há ali
um coffee-shop, cosméticos,
bancos e guardas

e uma revistaria.

onde cativa e muda
uma mulher se desnuda
na contracapa,

compro e levo comigo.

essas pernas de embarque
que se abrem em sorrisos cegos
num ponto, ao meio,
poço – onde se afogam nossos próprios desejos.

3. INOCÊNCIA

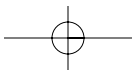
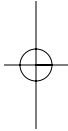
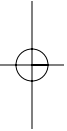
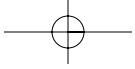
aos Satyros

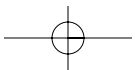
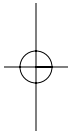
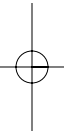
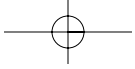
Nesses tempos
em que a morte se interna no branco
e o suicídio se hospeda no escuro
despesas de hotel quitadas.

Restou para eles
a conversa sobre o cheiro macio
dos sofás do restaurante indiano
o anoitecer cálido no copo de whisky
nossa noite cuba libre na rumba surda
os beijos loucos nos teus olhos de abismo
e viagens longas nas tuas mãos famintas
por carne fresca e novas novelas.

Pela manhã, a poluição, nossos olhos,
como de choro.

O mundo,
um buraco branco
onde as idéias são claras
e os tempos escuros.

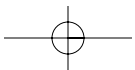
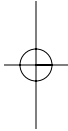
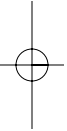
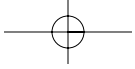




II. É QUE OS BÁRBAROS CHEGAM HOJE.

Vou precisar muito de vocês, afirmou, infiltrando-se na multidão aglutinada em frente ao palanque, onde o Santo Chiesa leiloava as prendas, um garrote o maior lance, ouviu, ao passar debaixo do alto-falante pendurado no alto da árvore, Pedro, Pedro, falou, sôfrego, acompanhando com dificuldades os passos do irmão no meio do povo, Pedro, o quê que esse Salvador fez que vai precisar tanto assim da gente?, e o irmão, tentando não perder de vista o homem, respondeu, apressado, Ele não fez nada ainda... Vai fazer...

Luiz Ruffato, *Mamma, son tanto felice*



A CANÇÃO DO LIMPA-VIDROS

engole o peixe com a espinha
e tocarás a guelra de Deus

Afonso Henriques Neto

eu, um peixe de aquário, gordo,
consumindo o que surge dessas águas turvas.

os passantes lá embaixo como polvos de patins,
uma menina com um buraco-negro a tira-colo
e
chicletes.

ao lado dos jornais de internet,
meus cactos morrem em sua compulsão por
água.

os ursos polares serão extintos pelas geladeiras.
na austrália, baleias se suicidam na areia.

continuo consumindo qualquer coisa que brilhe um
pouco,
eu, um peixe a apodrecer gordo nessas águas
sujas.

A CERAMISTA

Trago comigo coisas abandonadas.
Coisas que os homens jogaram fora:
placentas, gânglios, guirlandas, guelras.

Marize Castro , *Muralha*

*a partir de Concha e Aurora,
criações de Ângela Barros e Alberto Guzik*

agora já são cinco privês
antes era um prédio respeitável

escavo escadas ante a mudez
do elevador, guilhotina pichada

no pó suspenso no ar
catedrais de coisas abandonadas

e lá dentro chafurdo com minhas duas
mãos nas peças de cerâmica

e como parteira tiro do barro
um caco, um vaso, um sonho, um sopro

NOTAS SOBRE O SILÊNCIO

Eis que dentro deste instante
O mundo se principia a iniciar.
 musgo verde
 sal das praias
 resto do que nutro
no hálito quente dos animais

Eduardo White, *[sem título]*

à virna teixeira

você dispõe:
 o quarto
 os cantos
 silêncios

mares descalços

– palavras maceram palavras
e eu conjugo errado:

a menina suja a brincar nos sargaços
as madrugadas de saia curta, pó e cansaço

INACABADO SOBRE BRENNAND

Não há mais novenas
porque os santos só saem
dos esconderijos
para as missas solenes.
Minas, predei vossos santos.

Donizete Galvão, *Santos nas grades*

ao beto

as meninas de francisco
já nascem de calcinhas velhas
e culotes à mostra

as meninas de francisco
desabrocham
bicos de seio de barro e se deixam bolinar

as meninas de francisco
despetalam
de flor vermelha e choram orando para o céu

as meninas de francisco
nunca foram donzelas

RECIFES

Recife sim
que se revolta
vivo.
Faca clara
que ainda fala
não.

Frederico Barbosa, *Vocação do Recife*

ao Delmo

Entre máquinas de fliper
sou putinha e muro velho
na cidade alta de altares e
na outra de caranguejos

do melaço fez-se o mangue
e de açúcar fez-se a praia
as palavras são verde-claras
e o verso vermelho-escuro

sobre a terra, o rio marrom
leito que se jorra todo
morde com seixos e lodo
na costa despudorada

das pradarias submersas
de açúcar negro e de barro
prende de água salobra
um oceano deságua águas

e demarca minha terra

LA CIUDAD DE NUEVO LAREDO

La sensación de nuevamente descubrir un continente,
la risa para siempre perdida en un rincón de los labios.
Plumas de pájaro en tu nuca, y pies, y cavidades.

Joca Terron, *Maré Orientale*,
traduzido por Cristian de Nápoli

tem muros velhos, dívidas
e grandes esperanças

poucas léguas do que pasa en el paso

siga o coyote
tão longe de deus

PEQUENAS ALIENAÇÕES: A CICLISTA PELA MANHÃ

a palavra
em espiral
o poema na parede –
andando em círculos

Virna Teixeira, *Passado*

ao Mario Rui

é nas rodas de um moinho
que se maceram os destinos

dando mais uma volta
que volta no quarteirão

para avistar novamente

par de pernas pedalada
nos pés de olhos puxados

que movem meu mundo
nas coxas de banho tomado

CORTE

Gosta de lambidas nas bolas,
mas que use a própria língua.

Carol Marossi, *Narcisismos*

tenho uma navalha no meio das pernas.
quer ver?
assim você poderá sentir melhor,

já que eu cegarei
esses seus dois olhos
que nunca serviram para nada.

HOMENAGEM

Há sempre certa saudade
Daqueles tempos separados

Thiago Ponce, *Anamnese*

te faço

no banheiro
rangendo o silêncio, entre ladrilhos

CALÇADA

eu desceria escadas
desde o último andar de
um arranha-céu. a falta
de fôlego como um beijo.

Andrea Catropa, *Fraturo*

vermelhas
as sandálias de marca-páginas

suas pernas
onde foi que paramos mesmo?

LUGAR COMUM 24: O MACHO

a buça ruça
de Sharon Stone
clitóris de celulóide

Sylvio Back, *O gesto e a gesta*

Meu avô fez estradas
na buceta de uma índia pantaneira.

Meu pai engraxou
locomotivas no cu da bilheteira.

Eu lido com papéis.

Mas não dispenso:
calcinha frouxa de algodão
com elástico vencido e dona boqueteira.

UNABOMBER

Hoje não bebo mijo, bebo vinho.
Não vejo cores: sonho com bandidos.
Da rosa, só o perfume: nem o espinho.

Glauco Mattoso, *355 PRIMÁRIO [2000]*

para o Vicente Pietroforte

O Unabomber, herói da minha infância,
me disseram: é um pouco afeminado
tal filho da vizinha, é um drogado,
mas encanta com pompa e circunstância

Eu pagaria pra chupar seu pau
que é dinamite dura, alta e robusta,
cano que explode o cu dessa velhusca
e goza nos destroços, triunfal.

O Unabomber, secreto agente CIA,
é patriota que ama as coisas rubras,
sua porra bazuca faz magia

e prolifera em muitas criancinhas
que ao rugir das metralhas ficam surdas
mas depois estraçalham coleguinhas.

A CASA DE REPOUSO – MONÓLOGOS

I.

Esses são meus amigos
Deixe que os apresento

II.

As flores azuis me chamam na porta
É sim uma piscina, não me acreditariam
Obrigado pelos cigarros.

III.

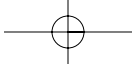
Pintei as flores sem cor, com o nanquim que me
trouxeram
Era daquele número da revista, aqui está
O problema é que minhas mãos coçam, elas me
escutam

IV.

O amor que ela me
deu virou aço e me enforcou
me vigiam
tomei banho de piscina e sol. não agüento as cor-de-
rosa

V.

As carniças de sempre
Não eram picadas de pulga
coçavam

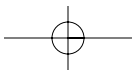
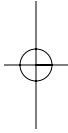
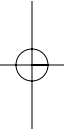


VI.

Hoje pergunto
que não esqueci das flores

Os muros continuam altos

Só posso dizer que adorei as flores



AVE MARIA LOLA

a porta é a mesa e não é mais a porta.

e retornas.
com roupas largas
pelo teu corpo fino

com os úberes
cheios de leite
fúnebre

:este ano não haverá filhotes.

LUNCH TIME

Este volume de bolso, com
poemas mastigados e
triturados, enquanto andava
contando janelas, contabilizando
sapatos e sandálias,
na dispersão da fome, do
horário erradio do trabalho,
quantas coisas no ar, como
estes poemas de uma outra cidade,
nesta mesma hora.

Heitor Ferraz, *O coração no bolso*

ou era sombra ou era sol
as vitrines de todos os dias

aquela loja de sucos que você me falou
as manequins sorriam recepcionistas

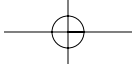
a hora das coisas replicadas
você é especial

névoas de café, bolos sexies, sorrisos
barulho gordo e oportunidades

achei mesmo que fosse você ali
mas era só um preto-e-branco e os jornais

difícil não ter ilusões num dia partido
a hora das coisas replicadas

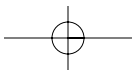
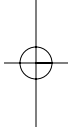
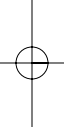
pois se eu fechasse os olhos
os carros me diziam você está na praia



LUGAR COMUM 26: A ESTRÉIA DE UM AUTOR

esvoaça borboleta.

te nomeiam
e adelgaçam tua espinha parada num alfinete.



SOBRE O ANCORADOURO DE NAVIOS NO ESPAÇO

Nesse instante,
Tenho olhos de navalha,
E dedos de metralhadora.
Tudo é insuportável:
A passividade do chão é um desaforo,
E a serenidade do céu é um eterno desconforto.
Del Candeias, *Borderline*

recados vencidos e
livros encomendados não prestam

pois o amor é um homem que carrega flores
e todos o olham

desde 1929 aguardo o telefonema
para que me rasgue esse pijama rosa
esculpa cicatrizes nessa boca de sorrisos

esmaltada em rótulos te espero
nas mãos desejo e nos pés fada
para esvoaçar por teus olhos pela luz rara dos loucos

a noite foi me atirar a outras carniças
empapar a face de máscaras, um olho e o outro
pé e o outro, descalços pés na calçada

o amor não se encomenda
flores nunca foram para mim

LUGAR COMUM 26: EL MURO DE TORDESILLAS

ao Cristian

o muro ruiu mas construíram outro em seu lugar
poucas léguas do que pasa en el paso.

o muro ruiu e o checkpoint charlie
hoje se inunda de caranguejinhos com
olhos de tigre

do muro ,a tirar fotografias numa fila de banco,
o que antes dividia a bibliotecária de seus

livros

o muro ruiu exatamente onde tatuaram a rosa de
ontem.
um machucado, frincha de fresta entre
frestas,

o muro ruiu e semeada dentre áporos
um ser hermafrodita, o inverso
dos anjos entre as flores

persiste
: verde
uma orquídea brota.

REVENANT

talvez uma estrela caia dentro do copo
talvez a Loucura mande um cartão-postal

Ademir Assunção

minha mãe foi morta num século de entranhas
quando os pássaros escuros
emprestaram do solo o aço para suas asas

e as filhas que criou para a terra
foram em minissaias cheias de batom e dentes
para os soldados e empresários

e os homens que amou sobre o barro
foram em busca de mulheres de revista e gravatas
sumiram com as bombas com as fábricas

mas agora nossa mãe retorna

com a pestilência de um cão amordaçado
para degelar e beber todas as neves eternas
para assassinar todos os homens e galinhas da China

EXERCÍCIO EM XILOGRAVURA

SOMBRA, nome
do que cala,
voz de papiro.
Esta é outra areia;
essa, não aquela
estrela. Estou nu

Claudio Daniel, *Egito*

à Silvia Lourenço

gravura

tecido em madeira
do papel ao contrário
escultura inversa:
do entalhe vem o traço

textura

e pelo rude vem o fácil
o escuro guardado
desabrocha em águas
traço oposto ao nanquim

xilo

alvura

um negativo ao contrário
e o que ficava invisível
na página branca
bóia leve em tinta negra

escura

ressurgem estampados
os traços no branco
e alimentam o proibido:
o universo em folha preta

silos

candura

constelação em vozes
estampadas na madeira
que é trama
traço oposto do nanquim

dura

outros proibidos
mas o mesmo
o negativo ao contrário
a outra face
asilos

LUGAR COMUM 21: O DOGMA

Sambaquis submersos
na memória
das marés.
Barco sem saída
e eu aqui
nesse convés.

Antonio Risério, *Para o Mar 3*

Moramos em um país de futuro.

A letra de nossa bandeira
silencia,
como um trem fora de moda,
qualquer conversa de bar sobre os tiros que
ouvi ontem à noite.

LUGAR COMUM 22: DE UMA NOTÍCIA DE JORNAL

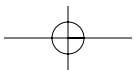
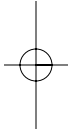
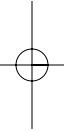
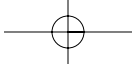
Há ciência em dividir cama
com uma mulher grávida
Nos abraçamos de lado
ela me rouba costelas
e vira um barco
que eu reboco com medo

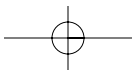
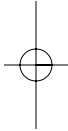
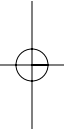
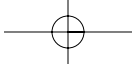
Fábio Weintraub, *Contrabando*

ao nascer
o menino
estuprou
a mãe pelo avesso

mas a criança era morta.
a médica a algemou na cama
as enfermeiras sibilantes a picaram
as detentas jogaram pedras
as secretárias espalharam

enquanto o irmão
pede ao menino jesus
que lhe tire uma costela
e reinvente a mãe

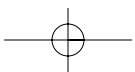
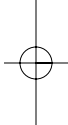
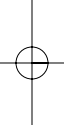
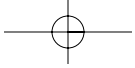




III. O AMOR E OS DISCURSOS

e era então um farfalhar quase instantâneo de asas quando a peneira lhe caía sorrateira em cima, e minhas mãos já eram um ninho, e era então um estremecimento que eu apertava entre elas enquanto corria pelo quintal em alvoroço gritando é minha é minha e me detendo pra conhecer melhor seus olhos pequenos e redondos, matreiros mas agora em puro espanto, e arrancava-lhe com decisão as penas das asas, cortando temporariamente seus largos vôos, o tempo de surgirem novas penas e novas asas, e também uma afeição nova, e era esse o doce aprisionamento que a aguardava já quando de novo em condições de pleno vôo;

Raduan Nassar, *Lavoura Arcaica*



1. O AMOR E O USO DAS CONSOANTES

tudo o que se pode construir
sem beleza
a perfeição do edifício
abandonado
ou esse costume
de dizer tudo
sordidamente.

Dirceu Villa, *Cortejo na Estação Fria*

ao Picchi

fado
é tudo que elas cantam por meu corpo

falo
é a parte com que eles escutam meus teatros

faro
é o que me resta pelas noites dúbias

2. O AMOR E O USO DOS PRONOMES

meu amor me presenteia com flores esquecidas
na rua
meu amor tem pesadelos para que eu durma
quentinha
meu amor é um urso com a pelúcia por dentro

meu amor é meu
: porque essa língua é surda
nos enrosca e troça
e só pensa nos possessivos.

3. O AMOR E O USO DO GERÚNDIO

algum
mozárabe ou andaluz
decerto te dedicaria um
concerto
para guitarras mouriscas
e cimitarras suicidas

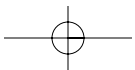
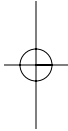
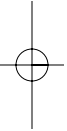
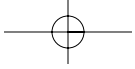
Carlito Azevedo, *A Uma Passante Pós-Baudelairiana*

ela aceita o convite

a barriga entre roucos desarranjos
como uma orquestra se afinando

na espera, a cadeira ao lado
vazia, entre pão, gestos avulsos o copo

carambolas estrelando.



POSFÁCIO

Ana é uma poetisa.

Poetisa sim, embora se diga por aí que só existe poeta, que essa história de poetisa faz distinção de gênero. Isso faz, mas vale a pena destruir uma palavra por causa disso?

Se matar uma palavra em nome da semântica é possível, vale a pena buscar recuperá-la por meio da fonologia. A palavra “poetisa” tem mais vogais que a palavra “poeta”; “poetisa” tem um “s” que assovia onde o “p” e o “t” do poeta apenas explodem. Em “poeta”, o “ô” e o “é” caem direto na abertura vocálica do “a”; em “poetisa” vão até o “i”, antes de cair. Em sua melopéia, pelo menos, a palavra “poetisa” parece mais curiosa que a palavra “poeta”.

“Poeta” soa como a virilidade - faz barulho de homem como no soneto Flatulento, de Glauco Mattoso - enquanto “poetisa” parece mulher gritando debaixo de cachoeira: a água vem aos “p”s e “t”s, escoo no “s”.

A poetisa Ana escoo em sua *Sarabanda*, cheia de “a”s, depois de *Rasgada* na mesma vogal. Escoo na *Sarabanda* dança, na *Sarabanda* música, na poesia da palavra título entre as consoantes.

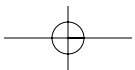
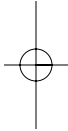
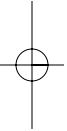
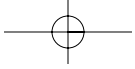
Dança, ainda, no compasso ? da música e do pé de verso que a *Sarabanda* forma.

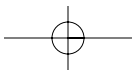
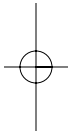
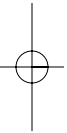
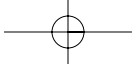
Em princípio dança e música, depois apenas música e, por fim, parte de suíte, a Sarabanda vem depois de um prelúdio. Para Ana, o prelúdio foi o primeiro livro *Rasgada*, a poetisa rasgada logo na introdução.

Aquela engenhosidade que, em poemas como *lugar comum 10: Salomé*, coloca sob o mesmo desenho figurativo pelo menos as temáticas da dança, da transa e do assassinato a fazer sentido, concentrada no conteúdo do poema, nos poemas de *Sarabanda* vai ao encontro de engenhosidades prosódicas e fonológicas, como em *lugar comum 24: O macho*, o soneto *Unabomber*, *lugar comum 26: el muro de Tordesilhas*, *exercício em xilogravura*. Além do mais, a poetisa quase adolescente de *Rasgada*, isolada, agora dialoga com a literatura brasileira contemporânea explicitamente, seja nos epigramas, seja por meio dos textos dos poemas.

Na continuação da suíte, espero que Ana faça sua Alemanda, sua Corrente, sua Giga; espero ouvir Ana na palavra “poesia”.

Antonio Vicente Seraphim Pietroforte





ÍNDICE

I. O Poema Escuro	13
1. O Poema Branco	15
2. Mescalina	17
3. Inocência	18
II. É que os Bárbaros chegam hoje.	21
A canção do limpa-vidros	23
A Ceramista	24
Notas sobre o silêncio	25
Inacabado sobre brennand	26
Recifes	27
La ciudad de Nuevo Laredo	28
Pequenas alienações: a ciclista pela manhã	29
Corte	30
Homenagem	31
Calçada	32
Lugar Comum 24: O Macho	33
Unabomber	34
A Casa de Repouso – Monólogos	35

Ave Maria Lola	37
Lunch Time	38
Lugar Comum 26: a estréia de um autor	39
Sobre o ancoradouro de navios no espaço	40
Lugar Comum 26: el muro de tordesillas	41
Revenant	42
Exercício em xilogravura	43
Lugar Comum 21: O Dogma	45
Lugar Comum 22: de uma notícia de jornal	46
III. o amor e os discursos	49
1. o amor e o uso das consoantes	51
2. o amor e o uso dos pronomes	52
3. o amor e o uso do gerúndio	53

